



Sacerdotes religiosos em meio a uma tríplice tensão entre a contemplação, a ação e a comunhão.

Reflexão a partir de três impulsos bíblicos

Tomando como ponto de partida três impulsos bíblicos, queremos refletir sobre nossa vida de cônegos regulares. Os irmãos leigos, os professores que ainda não foram ordenados e todos nós somos chamados para cantar o ofício coral. Além disso, a maioria dos irmãos foi chamada para o serviço sacerdotal. Independentemente da sua missão concreta, há sempre três elementos que se imprimem nessa vida canônica: a comunhão, a ação e a contemplação.

Isso foi o objeto de muita reflexão e estudo, desde o capítulo de renovação de Innsbruck, em 1968 e 1970. É verdade que esses três aspectos fundamentais da vida espiritual não identificam a nossa Ordem de maneira exclusiva; pois, cada ordem religiosa procura vivê-los de alguma maneira. Porém, a forma de combiná-los constitui uma característica principal da nossa consciência canônica. Por essa forma idealmente própria, diferimos dos monges, dos sacerdotes seculares, e também dos cônegos seculares.

No final do mês de dezembro de 2004, organizou-se em Roma um primeiro congresso internacional sobre a vida consagrada a Deus, com a divisa “Apaixonados por Deus, apaixonados pela humanidade”. Nele participaram 847 homens e mulheres que vieram dos 5 continentes. Num clima experimentável de solidariedade, se fez pela primeira vez um trabalho em parceria entre irmãs, irmãos e padres, entre religiosos vindos de igrejas ‘novas’ e ‘antigas’, entre superiores, religiosos jovens e teólogos. Houve temas como a inculturação, os meios de comunicação, a autoridade, a formação, a arte, a Sagrada Escritura, a vida comunitária, a vida religiosa dentro da Igreja, as estruturas, a solidariedade, a paz e a justiça.

O tema central que uniu as palestras, os ofícios litúrgicos e as oficinas – ou workshops –, foi a divisa: “Apaixonados por Deus - Apaixonados pelos homens”. Uma dupla de ícones bíblicos orientou o trabalho: as figuras da Samaritana (Jo. 4,1-42) e do samaritano misericordioso (Lc. 10, 25-37), que anteriormente haviam sido apresentados de maneira extensiva num documento (“Instrumentum Laboris”). Segundo o teor do congresso, o futuro para a vida religiosa encontra-se numa abertura a uma vida nova, dentro daquela perspectiva ‘samaritana’, - uma vida inspirada pela sede de Deus e por uma entrega profunda à humanidade que sofre.

Essa dupla de ícones bíblicos é muito chamativa para mim, e parece-me oferecer uma chave para um maior esclarecimento da nossa vida premonstratense. Esses dois ícones podem identificar-se facilmente com “contemplatio” e “actio”. Queria agregar uma terceira imagem, correspondente à “communio” como terceiro elemento da nossa vida, que poderia abrir também o seu sentido profundo: a história de Emaús (Lc 24,13-35). O nosso capítulo geral de 2006 desenvolveu-se na luz daquela experiência em Emaús: “*Não nos parecia que o nosso coração queimava dentro do peito?*” Propõem-se agora três impulsos.

1. A mulher samaritana (Jo 4,1-42)

A história da mulher samaritana é uma das mais profundas no Evangelho de João. Saindo da Judéia, Jesus volta para a Galiléia. Assim, Ele precisava passar pela Samaria. Os habitantes da Samaria adoravam também a Javé, porém os judeus os consideravam como apóstatas e os evitavam. Ao Poço de Jacó, a um quilômetro ao sudoeste da cidade de Sicar, o caminho se bifurcava para o oeste da Galiléia e para o Mar da Samaria. A partir do Poço de



Jacó, situado no oriente, se vê ao sudoeste, o monte Garizim, e ao noroeste, o monte Ebal. Jacó havia legado o terreno perto de Sicar, a seu filho José. Ali ficava o Poço de Jacó.

Cansado da viagem, Jesus sentou-se perto do Poço. Era mais ou menos meio-dia. Assim nos são indicados claramente o lugar e o tempo, antes da ação começar. Vem uma mulher samaritana para tirar água. Jesus lhe fala pedindo: “Dê-me um pouco de água”. Começa então uma conversa interessante,

que parece desenvolver-se em vários níveis. Trata-se de sede e de beber, de água e de vida. Na primeira instância, trata-se da possibilidade de tirar água daquele poço. A mulher fala do poço, da sua história e da sua utilidade. Porém, Jesus fala duma fonte e duma realidade totalmente distintas, para garantir e enriquecer a vida. Quando isso é percebido pela mulher, Jesus lhe fala abertamente de sua conduta de vida. Deve ter algo que instiga o Senhor: talvez seja a aparição e o modo de proceder da mulher naquele momento, talvez seja o seu comportamento. Jesus vê além da fachada, ele percebe a lesão traumática na vida dela, as numerosas histórias amorosas e relações fracassadas dela, a sua situação momentaneamente indefinida, e toda a sua saudade de estabilidade, de amor verdadeiro, de fidelidade e segurança. Ela quer dar outra orientação à conversa, quer falar da discussão entre judeus e samaritanos sobre o lugar onde Deus deve ser adorado. Daí o Senhor encontra a oportunidade para se manifestar progressivamente, dizendo finalmente: “Pois eu, que estou falando com você, sou o Messias”.

A mulher faz uma experiência profunda no seu encontro com o Senhor: no começo o chama de senhor, depois, de profeta, e no final pergunta aos habitantes de Sicar: “Será que ele é o Messias?” O encontro se tornou missão. Por outro lado, os discípulos têm um papel curioso e secundário: para eles, trata-se de compras e de comida. Eles ficam surpresos pelo contato de Jesus com a mulher, não compreendem que há outra coisa para fazer do que comer, ou que outro alimento pode ser mais importante e vivificante. Suspeitam que alguém já houvesse trazido comida. Eles encontram-se ainda no início da sua formação de discípulos: somente mais tarde serão enviados pelo Senhor, a primeira vez de dois a dois, depois são enviados várias vezes, e finalmente eles serão “os enviados”, os “apostolo!”: “*Vão pelo mundo inteiro e anunciem o Evangelho!*” Porém, há um só e mesmo caminho percorrido para formar a mulher, os habitantes de Sicar, os, discípulos, os apóstolos, e finalmente a nós mesmos: a penetração cada vez mais profunda na verdade, a identificação progressiva de Jesus como Senhor, como profeta, como o Messias, como o Salvador do mundo. São Tomé confessará no fim: “Meu Senhor e meu Deus”.

O caminho que conduz àquela identificação, está sobretudo, no encontro e na conversação, -escutando e abrindo-se ao outro, tomando consciência da situação do outro e de si mesmo, manifestando a sua saudade e sede profunda de viver, expressando as suas perguntas e dúvidas, dando-se conta da verdade da sua vida pessoal, reconhecendo culpa, fazendo um esforço para expressar as suas suposições e pressentimentos religiosos, passando da experiência de outros, à experiência pessoal: “*Agora não é mais por causa do que você disse que nós cremos, mas porque nós mesmos o ouvimos falar.*” Porém isso pede também,

abrir-se, abrir as casas, e mais ainda, abrir os ouvidos e o coração, ouvir com muita atenção e convidar: *“Pediram a ele que ficasse com eles”*. Precisa-se da disposição para transformar-se e deixar-se transformar, evitando uma atitude expectativa ou cética, deixando entrar as palavras do Senhor. Lembremo-nos da parábola do semeador, que espalhava as sementes: para brotar e produzir, elas necessitavam de terra boa.

Para todas as pessoas da história bíblica que meditamos, trata-se de necessidades básicas: têm fome e sede, procuram saciedade e fartura. Jesus tem sede e provavelmente também fome. A mulher tem o mesmo motivo para tirar água do poço. Os discípulos foram até a cidade comprar comida para Jesus, mas seguramente também para eles mesmos. Porém, além disso, a gente tem uma saudade bem distinta, uma saudade de encontro e de proximidade, de conversação e de diálogo, de respostas para as suas perguntas abertas, de esclarecimento relativo às preocupações religiosas fundamentais, de amor e de realização, de verdade e de confiança, de vida e de vida bem sucedida. A pessoa humana descobre-se como um ser capaz de ultrapassar-se, um ser que indaga e examina tudo com inquietude, alguém que se esforça por achar a verdade profunda. Ninguém conheceu como Agostinho essa procura constante e tenaz. A sua avidez apaixonada por verdade e por amor foi extraordinária.

Algo aflora nessa mulher samaritana. Sem condenar o fracasso moral dela, Jesus olha para o coração dela, que procura amor, verdade e um encontro com a realidade divina. Jesus olha para a insatisfação gerada pelas tentativas inadequadas dela, para conseguir realização, paz e salvação. Cuidadosamente, e de maneira compreensiva, Jesus abre conversa com a mulher, deixando emergir, pouco a pouco, o mais profundo, levando a mulher ao essencial, à última questão de nossa vida, a Deus e à possibilidade de manter-se diante dEle.

Naquele encontro, acontece o que chamamos **“Contemplatio”**. Um encontro imediato com o Senhor é oferecido àquela mulher: o que nós, somente poderíamos sonhar. A realidade divina é experimentada imediatamente por ela, embora inicialmente, de maneira inconsciente. Possivelmente ela pressente que está entrando numa área que vai provocar uma transformação total de sua vida. A mulher distingue-se por sua atitude aberta, por sua vinda simples ao poço, à Fonte de Vida. Sentimo-la semelhante a nós por sua disponibilidade para começar um diálogo, para ouvir e interrogar, não fechar-se até mesmo aos temas desagradáveis ou delicados, ou diante de perguntas e situações penosas. Ela se apresenta como é, como chegou a ser, como é vista e experimentada pelos outros, sem afetação, sem falsa religiosidade. A mulher se encontra com Jesus, Ele fala com ela, e ela escuta, responde, sem deixar de lado a sua vida e as suas perguntas. Trata-se de sua vida, de sua existência.

A **“Contemplatio”** é encontro com o Senhor. Como se desenvolve aquele aspecto em nossa vida pessoal ou comunitária de homens espirituais, consagrados? Onde se encontra o meu Poço de Jacó, onde está o lugar do meu encontro com o Senhor? Quando se dá o tempo para eu falar e trocar palavras com Jesus? Quando mergulho no mundo do Divino? A mulher sai do seu dia-a-dia para o Poço, querendo tirar água. Não leva nada nas mãos ou no cântaro, porém volta com o recipiente cheio e sem sede. Aquele movimento tão humano e aquele gesto tão comum tornam-se uma imagem e um modelo da **“Contemplatio”** como atitude e como acontecimento. Saindo do mundo cotidiano, devemos partir para o Poço, sedentos e abertos. Assim nós tornamos predispostos para ser presenteados. A mulher não imaginava quem a estava esperando naquele lugar. Perto do Poço, a pessoa geralmente se dá com alguém.

Naquele tempo, os poços eram pontos importantes de encontro e de comunicação, especialmente para as mulheres. Era perto dos poços que se trocavam as informações e as novidades. Hoje, no centro das cidades, muita gente vive só no seu pequeno departamento ou se encontra solitário pela velhice: faltam-lhes lugares semelhantes, onde possam encontrar oportunidades para conversar. Porém aqui, não se trata de um assunto sociológico, mas da dimensão espiritual e contemplativa de minha vida.

Em nossa Ordem, é conhecida a tensão entre Prémontré e Magdeburgo. Olhemos primeiramente para Prémontré. Na minha vida de cônego regular existem, cada dia, espaços contemplativos: a eucaristia, o ofício, a meditação privada, a leitura bíblica, o terço, a adoração, a oração interior. Onde me encontro com o Senhor? Onde posso conversar com Ele sobre o que penso, o que procuro, o que me preocupa? Onde posso pôr na presença do Senhor os problemas e os assuntos de outras gentes? Onde consigo adorar ao Pai no Espírito e na

verdade? “Deus é Espírito, e por isso, os que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade”(v 24).

Durante a vigília de oração com os jovens no hipódromo de Randwick na Austrália, o Papa explicou a história da samaritana numa espécie de catequese sobre o Espírito. “Aqui Jesus manifesta-se como o doador da água viva, que depois é explicada como sendo o Espírito Santo. O Espírito é a ‘doação de Deus’, a fonte interior, que mata realmente a nossa sede interior e nos guia para o Pai. A partir dessa observação, Sto. Agostinho conclui que o Espírito Santo é Deus, na doação de si mesmo. (...)Novamente damos uma olhada na ação da Trindade: o Espírito Santo é Deus doando-se eternamente a si mesmo: como uma fonte sem fim, Ele oferece nada menos do que a si mesmo. Diante daquela doação sem termo, percebemos as limitações de tudo o que é efêmero, e a loucura da mentalidade consumista. Vamos compreendendo porque a procura da novidade nos deixa insatisfeitos e sedentos. Não estamos procurando um dom eterno? Uma fonte que nunca deixe de correr? Exclamemos com a mulher samaritana: ‘Dê-me dessa água e não terei mais sede!’”

Aquele pedido, aquela sede, aquela abertura, aquela confiança, aquela vontade para admitir e receber poderiam constituir a atitude fundamental para nossa vida contemplativa.

2. O Samaritano misericordioso (Lc 10, 25-37)

A paixão por Deus deve corresponder à paixão pelo povo, o amor de Deus deve corresponder ao amor do próximo, a ‘communio’ deve corresponder à ‘actio’, ou como se diz em Taizé: a contemplação deve corresponder à luta, a tranquilidade contemplativa à mobilização para um mundo melhor, para a criação violada, para o próximo que vem a nosso encontro, em qualquer lugar ou de qualquer maneira. Jesus conta uma breve história a um



mestre da lei preocupado em desculpar-se. Depois de ele expressar com toda clareza as palavras da lei :”*Ame o Senhor, seu Deus, com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças e com toda a mente, e o seu próximo como a você mesmo*”, ele ainda foi capaz de perguntar: “Mas quem é o meu próximo?”(v. 29).

É certamente um dos trechos mais impressionantes, no qual Jesus anuncia com imagens o seu programa de vida e a sua auto-compreensão. Inúmeras vezes, esse trecho foi meditado e pregado por todos nós. Eu

o fiz às vezes com um pouco de remorso, pensando nas pessoas por quem cruzei sem ajudá-las.

Jesus dá à história uma forma provocante e intencional. Talvez tenha sido causado pelo mestre da lei, pela sua pergunta desafiadora, “querendo encontrar uma prova contra Jesus. A história é agravada pela introdução dum samaritano, um estrangeiro, pouco digno de ser honrado. Jesus conta primeiro a atitude dum sacerdote judeu e dum levita. Os dois vêm o semi-morto e passam pelo lado. Os dois não interrompem o seu caminho, e guardam distância. A guardam em sentido figurado. Eles podem alegar motivos culturais, dizendo que é proibido tocar um semi-morto antes da celebração litúrgica, para evitar a impureza. Talvez tenha havido motivos raciais ou xenófobos. Eles passam sem deter-se diante da miséria dum homem, não querem sujar as mãos, nem mudar seu plano de tempo. O amor a si mesmo, aliás critério para o amor ao próximo, aparece aqui maior do que o amor ao próximo. Nada pode deter ou comover os dois ordenados e religiosos.

Vem então um samaritano; ele olha e comove-se. A bíblia luterana diz: “ele magoou-se por causa do homem”. O coração dele foi tocado, comoveu-se e enterneceu-se. A cena faz recordar as palavras de Lucas (7, 13): “Quando o Senhor viu a viúva de Naim, ficou com

muita pena e disse: não chore.” Faz recordar também ao pai misericordioso; quando avistou o rapaz *“teve muita pena do filho, correu, e o abraçou, e beijou”*(Lc 15,20). O samaritano chegou perto do semi-morto, limpou os seus ferimentos com azeite e vinho, e em seguida os enfaixou. Depois o samaritano o colocou no seu próprio animal e o levou para uma pensão onde cuidou dele. Além disso, visto que naquele momento não pode continuar tomando conta do homem, ele o recomenda ao patrão, paga os gastos e se preocupa com outras despesas eventuais.

Já pela pura enumeração de tudo isso, sente-se admiração sobre a grande dedicação, a assistência e a solicitude caridosa. A assistência é completa: os primeiros socorros, um tratamento adequado e um sustento vital. Com evidência e sem utilidade pessoal, tudo é posto à disposição: as reservas, o animal de sela, o tempo, o dinheiro. Este exemplo imponente de amor ao próximo faz contraste forte à falta de sensibilidade e à indiferença dos religiosos citados.

Como um mestre da arte do diálogo, Jesus inverte a pergunta: *“Quem é o meu próximo?”* chega a ser: *“De quem eu sou o próximo?”* A última pergunta é mais direta e comovente, envolve a mim e a nós, não há espaço para pretextos, pensando que outro que vem depois possa assumir a situação. Trata-se duma intensificação, trata-se de aproximar-se do outro. É o contrário da dica: *“não fique tão perto de mim!”*. Que proximidade com o outro vou aceitar? Até onde vou aproximar-me dele e de seus problemas? Até onde a miséria e o sofrimento do outro podem me tocar, sabendo que *“quem enxuga as lágrimas do outro, vai molhar-se”*?

Jesus recebeu a resposta esperada e correta: *“Aquele que socorreu o homem assaltado, foi o próximo dele”*. Já não se trata duma teoria ou de palavras bonitas, de edificação ou de justificação, senão de atos, de comprometer-se efetivamente. Anunciou-se a **“Actio”**.

Na ascese cristã, falava-se aqui evidentemente das sete obras corporais e espirituais de misericórdia. Elas foram apresentadas no final do Catecismo da Igreja Católica. Nelas concretizam-se o socorro misericordioso e a missão: *“Vá e faça a mesma coisa!”*

Sem dúvida, é a versão original de Jesus. O samaritano chega perto do quase morto, do estrangeiro assaltado. Chegando muito perto, o samaritano vê a miséria e o sofrimento do outro. Não causa surpresa que para a Tradição, aquele samaritano foi sempre visto como Cristo mesmo, o bom samaritano que se encaminha para o homem ferido e sofrido, que sacrifica tudo para a salvação do homem afligido, amando-o até o fim.

Aqui não podemos abrir o tema dos problemas relativos à Caritas, à Diaconia, às instituições sócio-caritativas da Igreja e à Segurança social pública. Não podemos abordar aqui o problema seguinte: a ajuda caritativa é bem necessária para situações individuais, porém a preocupação pelo povo deveria encontrar indispensavelmente uma intervenção política - para construir estruturas justas, para eliminar a exploração e os preconceitos, para lutar contra estruturas de injustiça no nível mundial. A Madre Tereza de Calcuttá foi continuamente confrontada com esse problema, porque a falta da dimensão política levava a má interpretação do trabalho dela. O homem solitário, sofrido, ferido e marginalizado estava para ela no ponto de mira. Ela desejava bem posições e esforços políticos para proteger a vida humana e melhorar a sua qualidade, porém a sua intenção não era procurá-los.

Para nós aqui, trata-se do aspecto ativo da nossa vida consagrada, e da nossa consciência canonical. Para nós, a *“actio”* se junta à *“contemplação”* principalmente na área pastoral e paroquial, - sem excluir as cozinhas populares e outras iniciativas semelhantes. Como pastores, encarregados e nomeados pela Igreja, e enviados pela comunidade, trabalhamos para os homens: é nossa atividade principal. Qual é a nossa missão espiritual? Qual é a missão pastoral? Os dois termos não têm o mesmo sentido, apesar de que às vezes são usados sem distinção.

Segundo o entendimento católico dos termos, os dois têm acentos distintos, porém abrangem todo o campo da atividade eclesial. Talvez seja assim, que na missão espiritual se trata mais da salvação espiritual, enquanto que a pastoral implica mais a direção da comunidade com seus aspectos materiais e administrativos, com os problemas de organização, e os técnicos de construção. Qual é o lado ativo de nossa missão espiritual? Onde chego a ser o próximo para outra pessoa? Como se realiza isso em concreto, na convivência com a gente, no acompanhamento da vida real com seus momentos de transição? Como se realiza isso nas conversações, nos encontros, e mesmo na participação intensa da experiência vivida por

pessoas individuais ou com grupos? Talvez nos ajude recordar-nos da missão fundamental da Igreja: por a manifesto um sinal da Luz de Cristo (Lumen Gentium 1).

Desta maneira, as atividades espirituais e pastorais cumprem a missão de tornar presente a Deus (Gaudium et Spes 21), de promover a plena unidade dos homens em Cristo (LG 1), de transformar a sociedade em família de Deus (GS 40). Daí resulta a relação com a construção e a vida da comunidade e de toda a Igreja. Aqui deve-se mencionar os que levam a missão salvadora, os homens e as mulheres que se dedicam ao trabalho espiritual, às tarefas e funções deles, especialmente à função de construir a comunidade, de organizar e de dirigir a vida desta.

Falta só recordarmos aqui do discurso do juízo final, porque exatamente nele a proximidade e o cuidado do outro se tornam o critério duma vida que sai bem diante de Deus e o fundamento para o pronunciamento do Rei: “*O que vocês fizeram ao mais humilde dos meus irmãos, foi a mim que o fizeram.*” (Mt 25,40) e “todas as vezes que vocês deixaram de ajudar uma destas pessoas mais humildes, foi a mim que deixaram de ajudar” (MT 25,45). A entrada na alegria do Senhor ou no sofrimento sem fim depende finalmente dessa apreciação e do cumprimento desta palavra: “Vai, e faz isso”.

Prolonguemos um momento a nossa reflexão sobre a maneira de viver e de realizar a “*actio*” e a “*contemplatio*”. Podem nascer tensões: é evidente. Na sua regra pastoral, o Papa Gregório Magno escreveu que devemos olhar para Cristo, a cabeça da Igreja: “*Ele reza na montanha e faz milagres na cidade*”. O premonstratense Silvester van de Ven citou essa palavra do papa, no seu artigo “*Meditação sobre o ideal premonstratense hoje e no futuro*”, publicado em 1985, no livro “*Gesand wie Er*” (“Enviados como Ele”). Nesse artigo, expressou-se muito bem essa dupla relação de nossa vida e atividade pastoral; ao mesmo tempo aponta-se a enorme tensão.

Como se pode fazer justiça à tensão entre as duas formas fundamentais de nossa vida espiritual e canonical, sem liquidá-la ou reduzi-la de alguma maneira? Onde estão os nossos acentos: principalmente no campo ativo e pastoral? Ou mais no campo contemplativo? A pergunta é certamente retórica, no plano de emprego do tempo, pois todo o dia estamos ativamente ocupados no serviço espiritual. Porém, ao preocuparmo-nos da transcendência em nossas atividades, ao pensar no que tem mais importância - o que deve depositar um sedimento em nosso tempo - vão aparecer também outras prioridades. Uma possibilidade é a santificação da vida quotidiana e de todo o empenho pastoral por uma oração intencional abrangente, na qual todas as minhas atividades são incorporadas na minha oração e postas diante de Deus. Uma outra possibilidade é a fórmula jesuítica: “*in actione contemplativus et in in contemplatione activus*”; o que significa que toda a nossa atividade e oração brotam duma permanência fundamental na presença de Deus. Deveríamos tomar a peito o viver e atuar na presença dEle, abrindo janelas para Ele, ou mantendo-as abertas.

O abade Ulrich Geniets (+ 13.11.2005) formulava sempre essa questão fundamental, numa forma mais prática: “*Quando nós vamos para Deus, levamos também os homens para Ele, com todas as preocupações, os desejos e pedidos deles. Quando nós, como pastores, como sacerdotes, como trabalhadores no campo espiritual vamos para os homens, levamos Deus para eles.*” Pela nossa forma de apresentar-nos, de falar e de atuar, deve ser possível perceber que levamos a Deus ou que nos sentimos intimamente unidos a Ele. Como diz o profeta Zacarias: “*Nesses dias, dez homens de todas as línguas faladas pelas nações pegarão um judeu pela barra do manto, dizendo: 'Nós queremos ir com vocês, pois ouvimos falar que Deus está com vocês'*” (Zac. 8,23). Então servimos de intermediários, seja qual for a nossa atividade, enquanto que levamos a Deus para os homens ou os homens para Ele. De certo, contanto que fiquemos abertos à dupla realidade, que a deixemos entrar e a vivamos onde quer que seja.

Por fim, a mesma pergunta aparece novamente: “Que é que levo para a gente, de que falo a eles, que é que teria vontade de comunicar-lhes como intermediário?” E de maneira inversa: “Que é que levo para Deus, que é que falo a Ele, que é que julgo importante quando estou com Ele?”

Durante a minha viagem para Sicília, tive a oportunidade de ver o mosaico impressionante do “*Pantocratore che guarda tutto e tutti*”, do Senhor que, com enorme dignidade e irradiação, vê a tudo e a todos. É isso, o que significa “*Contemplatio*”: ficar na presença desse Senhor e agüentar o seu olhar e olhar para Ele. Porém, é o mesmo Senhor que nos envia para os homens, que nos envia para encontrá-lo neles: “*Foi a mim que o fizeram*”.

Do encontro procede a missão, a proclamação, a caminhada contínua para o povo. Sabemos que Santo Agostinho, sendo bispo, sofreu das contínuas exigências pastorais que apossavam-se de seu tempo. Podemos também adivinhar o que se passou com São Norberto, que não parou em nenhum lugar, pois sempre pôs-se a caminho levando a mensagem de vida, paz e reconciliação: ele foi um pregador itinerante que se esgotou totalmente no serviço das gentes.

Citemos mais uma vez o Padre Silvester van de Ven: *“O nosso ideal exige uma opção consciente na mesma e única vida humana para a contemplação e a ação. O premonstratense Anselmo von Havelberg (falecido em 1158) aponta que no ideal canonical, o papel de Marta e o de Maria de Betânia devem desempenhar-se completariamente. Essa interpretação foi apoiada por Jean Gerson (falecido em 1429), pretendendo que numa pessoa, Maria deve encontrar-se com Marta, e Marta com Maria”*.

Na ocasião do quinquagésimo aniversário da canonização de Santo Hermano-José de Steinfeld, o abade Hermann-Josef Kugler escreve na revista espiritual “Communicantes” (da circaria de língua germânica) um artigo com o título bonito: “Qual é a quantidade de trabalho que a alma pode agüentar? – uma contribuição referente à tensão entre ação e contemplação”. Continua sendo cativante refletir sobre a tensão. Interessante é também a seguinte reflexão do Mestre Eckhart sobre o tema ‘Marta e Maria’: *“Aqui Marta prolonga o samaritano misericordioso: no Evangelho de Lucas, à história do samaritano segue intencionalmente o texto da visita de Jesus a Marta e Maria.”* Acabamos meditando intensivamente sobre esse tema.

3. Os discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35)

O artigo já mencionado do abade Hermann-Josef Kugler nos dá uma orientação para este terceiro passo da nossa reflexão. Diz assim: “Temos de evitar o perigo de comparar-nos uns aos outros. O que importa é, sempre de novo, hospedar o Senhor em “nossa casa”. Como



premonstratenses construímos uma comunidade onde há espaço para as diversas fases e formas de desenvolvimento humano e espiritual. Isso não fica isento de tensões. Porém, consciente de nossa forma própria de vida, devemos organizar-nos interiormente, tentando unir durante toda a vida a escuta e o agir, a contemplação e a ação.

Os dois ícones, da samaritana e do samaritano são como os focos duma elipse; porém é o círculo elíptico que os guarda juntos: em nossa Ordem, imaginamos a contemplação e a ação somente a partir da “Communio”. Como premonstratenses, construímos uma comunidade, na qual vivemos e com a qual estamos profundamente ligados. Ocorre-me pensar no ícone bíblico dos discípulos de Emaús, porque me parece que nele coordena-se tudo. Por isso queria propor uma meditação sobre os discípulos de Emaús.

Em primeiro lugar, trata-se de duas pessoas. *“Onde duas ou três pessoas se reúnem em meu nome!”* Na sua situação e no seu estado de ânimo se trata para os dois unicamente daquele, do qual não se sabe onde foi posto. Maria Madalena falou: *“Levaram embora o meu*

Senhor!”(Jo 20, 13). Deploram os acontecimentos dos últimos dias: *“Eles estavam conversando a respeito de tudo o que havia acontecido”*(Lc 24, 14). Para os dois, se trata de Jesus; mentalmente preocupados com Ele, não se dão conta que está lá. *“...o próprio Jesus chegou perto e começou a caminhar com eles”*(v. 15). Aquele que vivia no coração deles, caminhava agora com eles. A pequena comunidade se concentra em Jesus, e só nele. Onde Ele

se encontra, nasce comunidade. E durante toda a história, Ele continua sendo o eixo e o centro de rotação; a conversa e o anúncio deles não têm outro objeto, mesmo quando Ele escapa à vista deles.

O Senhor está no meio e no centro de cada comunidade espiritual. Quando levamos isso à sério, acontecerá que se mudem muitos juízos sobre a nossa comunidade e muitos comentários sobre irmãos ou acontecimentos no convento. E isso não seria como idealizar ou pintar cor-de-rosa. Os dois discípulos têm um problema existencial. O Gólgota deixou um vazio na vida deles. Estão desorientados, porém eles são dois e discorrem sobre o assunto. Isso forma o segundo elemento significativo nesta história. Fala-se muito, comentando e informando. Ensina-se como proceder: *"Eles estavam conversando...(v14)...Enquanto conversavam e discutiam assim...(v15)"*. Porém, o 'terceiro' começa agora a falar, a perguntar, a esclarecer, a aprofundar as respostas deles. Nasceu um diálogo longo, no qual os dois falavam tudo o que guardavam no coração e o que havia acontecido. Além disso, eles contaram também os boatos e os palavreados, e mesmo os disparates do desaparecimento do corpo, algumas histórias espantosas, as visões e aparições que alguns pretendiam ter tido. Contaram igualmente as reações e atos de alguns que visavam apurar tudo *"e que viram que realmente aconteceu o que as mulheres disseram, mas não viram Jesus"* (v 24). Fala-se de maneira dramática. A réplica de Jesus tem a forma duma pergunta: *"Não era preciso que o Messias sofresse assim para entrar na sua glória?"*(v 26). Então, *"iniciando com os livros de Moisés e os escritos de todos os profetas"* ele começa a explicar as passagens das Escrituras Sagradas que eles já conheciam de memória.

Quando teve lugar o seu último diálogo espiritual profundo? Quando você teve a oportunidade de falar realmente com toda confiança com um confrade, com uma irmã, com um psicólogo, numa confissão, ou antes, com uma pessoa desconhecida? Comunidade significa comunicação não só com Deus, mas também com os confrades. Nisso existe o fundamental, o estar no caminho comum como confrades com marcas bem determinadas, com decepções e desilusões, com fracassos e novas experiências, entre a cruz e a ressurreição, estando de luto e tendo medo, inicialmente às vezes sem base e futuro, fazendo progressos, andando, avançando com evidência e dizendo finalmente: *"Isso me ajudou realmente, me fez progredir"*. Assim, fazendo progressos e reunindo a sua energia interior, o homem chega perto do povoado situado a duas horas de Jerusalém: Emaús.

Dessa maneira nasce uma intimidade mútua, a qual leva ao convite: *"Fique conosco porque já é tarde e a noite vem chegando"*. *"Trata-se de acolher ao Senhor sempre de novo na nossa casa"*: é o que achavam as irmãs Marta e Maria. Tudo depende duma atitude em nossa comunidade: a disponibilidade para abrir formalmente e com sinceridade, o recinto fechado da nossa casa e especialmente de nosso coração. *"Fique conosco, Senhor"*. Pode parecer estranho que tenhamos de convidar a quem é o Senhor da nossa vida e o centro da nossa comunidade. Pode ser desconcertante que aquele de quem precisamos absolutamente para existir, se faça rogar para entrar. Porém, Jesus sempre esperava uma decisão de seus discípulos: *"Vocês também querem ir-se?"* Ele vai conosco, porém sem impor-se; anda conosco no caminho, mas *"fez como quem ia para mais longe"* (28). É de Ele que lemos o seguinte: *"Escutem! Eu estou na porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei na sua casa, e nós jantaremos juntos"* (Apocalipse, 3,20).

Os papéis invertem-se continuamente: o estrangeiro é aquele que realmente sabe, o convidado torna-se o hospedeiro, o hóspede torna-se o dono da casa que, com toda normalidade, parte o pão e o dá aos dois. O desconhecido, que não sabia nada, torna-se aquele que lhes abre os olhos. Aquele que desapareceu é o mesmo que está presente em cada um. A última troca de papéis reside nisso: os dois discípulos que saíram da cidade sem esperança, voltam decididos para Jerusalém; os dois desanimados tornam-se novos mensageiros. Isso é um processo incrível de transformação, semelhante àquele que confirmamos na eucaristia. A experiência dos dois é apanhada pelo Senhor, que lhe dá um novo horizonte. Andava com eles na direção errada, porém Ele levou-os a se converter e voltar para Jerusalém. Ele é o Senhor que parte o pão, que lhes abre os olhos e lhes transforma o coração. Por Ele, a chispa faiscante na cinza das esperanças desterradas foi atizada e tornou-se amor ardente para o Senhor. Por Ele, a escuridão de toda a situação tornou-se clara; Ele iluminou os seus corações. enquanto explicava-lhes a Escritura Sagrada. Os que rompiam em lágrimas na madrugada, à tarde regressam rindo para a casa.

Esse processo de transformação pode acontecer só em comunhão com os outros e na comunhão de todos com o Senhor. Sabemos que essa história de Emaús está marcada pela celebração eucarística e é uma figura antecipada do que nós celebramos na eucaristia. Num capítulo anterior, São Lucas usa quase as mesmas palavras para descrever a última ceia (Lc 22, 7-38). Esses são os dois grandes momentos nos quais percebemos o Senhor junto com os seus discípulos: a última ceia, na tarde antes da sua paixão, e essa simples comida em Emaús (um paradigma!) onde eles podem encontrá-lo de novo, como ressuscitado. Em comunhão, como Igreja, nós encontramos ao Senhor na dupla mesa: a da Palavra e a do Pão. Assim compreendemos que a eucaristia é o acontecimento central que nos reúne e nos guarda juntos, e que depois nos envia para anunciar a mensagem do Senhor aos irmãos e às irmãs. É o centro que anima o nosso recolhimento e a nossa inserção, a nossa contemplação e a nossa luta que enfrenta a pobreza, a incerteza, o desespero e a ansiedade. Esse centro tem um só nome e uma só realidade: “*É o Senhor!*”: palavras faladas a Pedro, por João, “*o discípulo que Jesus amava*” (Jo 21,7) . Como sempre, é o amor que abre os olhos, é o Senhor que abre o nosso coração.

Assim, para nós que, como comunidade, não podemos prescindir do diálogo e da comunicação, Emaús torna-se naturalmente um ícone da **comunhão**. Devemos partilhar e comunicar. Devemos convidar-nos mutuamente e sentarmo-nos juntos para partilhar e comunicar a nossa vida, para partir o pão da vida (e não só as trivialidades), para compartilhar o cálice da salvação: o que é necessário ou benéfico para a vida. Certo, antes e depois de Emaús houve o dia-a-dia, a convivência habitual, o cumprimento fiel de tarefas e deveres, as múltiplas exigências de nossos campos pastorais e trabalhos de direção. Porém Emaús significa a síntese de comunidade, visão e missão, a síntese do encontro com o Senhor e com irmãos da comunidade, partindo o Pão e partilhando a Palavra, meditando a Escritura e anunciando a Boa Nova.

Para terminar essas reflexões, quero citar um texto de Bernardo Häring que, depois de meditar a experiência dos dois discípulos de Emaús, prossegue assim:

“Senhor, você está sempre conosco. Dia a dia você entra em nossa vida.

Você nos chama e nos espera. Sempre de novo você nos dá vida e nos chama pelo nosso nome, o nome que só você conhece completamente.

Você nos oferece o seu amor e nos torna capazes de amar a você.

Você nos deu irmãos, irmãs e tanta gente que nos oferece carinho e acolhe o nosso carinho. Tudo é dom, mensagem do seu amor e sinal da sua vida.

Senhor, você está sempre conosco e nos espera. Você vem ao nosso encontro. Prepara-nos para a sua vinda!”